

A MORINGA, O DENGÔ E A MEMÓRIA: ESTÉTICA, ORALIDADE E AFETO EM ANA FÁTIMA E FERNANDA RODRIGUES

Larissa Santos Cordeiro da Silva*¹

*Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
e-mail: lariscordeiros@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa a obra infantil *Os dengos na moringa de voinha*, de Ana Fátima e Fernanda Rodrigues, a partir da perspectiva da experiência estética proposta por Jorge Larrosa. O estudo investiga como a narrativa articula oralidade, tradição familiar e ancestralidade afetiva, construindo um espaço literário onde memória e afeto se entrelaçam. A pesquisa se aprofunda na relação entre texto e imagem, evidenciando a moringa como objeto central e simbólico na evocação das lembranças da infância e dos gestos cotidianos de cuidado. O uso da linguagem poética reforça a dimensão sensível da narrativa, conectando elementos da cultura afro-brasileira à construção identitária e à valorização das vivências negras. A análise destaca ainda como o projeto gráfico, em diálogo com as ilustrações, amplia os sentidos da narrativa, promovendo uma leitura multissensorial e afetiva. A obra é interpretada como promotora de representatividade da infância negra, trazendo à tona experiências historicamente marginalizadas e fortalecendo a memória coletiva por meio da arte literária. Argumenta-se que *Os dengos na moringa de voinha* proporciona uma potente experiência estética, funcionando como instrumento de mediação leitora e de reconhecimento cultural, contribuindo para o debate sobre o papel da literatura infantil na valorização das heranças culturais afro-brasileiras e na formação de leitores sensíveis e críticos.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Memória. Afetividade. Ilustração Infantil. Ancestralidade.

Moringa, Dengo, and Memory: An Examination of Aesthetics, Orality, and Affect in the Works of Ana Fátima and Fernanda Rodrigues

Abstract: This article analyzes the children's book *Os dengos na moringa de voinha*, by Ana Fátima and Fernanda Rodrigues, through the lens of the aesthetic experience proposed by Jorge Larrosa. The study investigates how the narrative weaves together orality, family tradition, and affective ancestry, creating a literary space where memory and affection are intertwined. The research delves into the relationship between text and image, highlighting the moringa (a traditional clay water jug)

¹Doutoranda em Educação, licenciada em Letras e Pedagogia. Professora na Educação Básica e como formadora de professoras. Integra o NIPELL (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Língua e Literatura da Universidade Federal de São Paulo), é pós-graduanda em Literatura Infantil e Juvenil pelo Instituto Vera Cruz e formadora estadual no programa LEEI (Leitura e Escrita na Educação Infantil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6012-6479>.



as a central and symbolic object in evoking childhood memories and everyday gestures of care. The poetic language reinforces the sensitive dimension of the narrative, connecting elements of Afro-Brazilian culture to identity formation and the appreciation of Black lived experiences. The analysis also emphasizes how the graphic design, in dialogue with the illustrations, expands the meanings of the story, fostering a multisensory and affective reading experience. The work is interpreted as a promoter of Black childhood representation, bringing to light historically marginalized experiences and strengthening collective memory through literary art. It is argued that *Os dengos na moringa de voinha* offers a powerful aesthetic experience, serving as a tool for reading mediation and cultural recognition, contributing to the discussion on the role of children's literature in valuing Afro-Brazilian cultural heritage and in forming sensitive and critical readers.

Keywords: Children's Literature. Memory. Affectivity. Children's Illustration. Ancestry.

Introdução

“A experiência é aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece. E só há experiência onde há pensamento” (Larrosa, 2002, p. 21). O conceito de experiência defendido por Larrosa (2022) compreende a ideia de que a experiência está intimamente ligada ao processo de reflexão e de assimilação do que nos afeta. No contexto literário, isso implica que a leitura de um livro não é apenas uma ação mecânica ou passiva, mas envolve um processo de imersão, de reflexão e de pensamento crítico sobre o que é apresentado. Sob esse viés, a literatura infantil contemporânea tem se configurado como um campo privilegiado para a articulação entre estética, memória e afetividade, oferecendo experiências que extrapolam o prazer da leitura e alcançam dimensões formativas profundas.

A obra *Os dengos na moringa de voinha*, escrita por Ana Fátima e ilustrada por Fernanda Rodrigues, inscreve-se nesse contexto ao promover uma narrativa marcada por elementos da oralidade, da tradição familiar e da ancestralidade afetiva, articulando texto e imagem de forma sensível e simbólica. O livro, publicado em 2023 pela editora Brinque-Book, apresenta as lembranças de uma infância através de cenas cotidianas permeadas pela presença de uma moringa². Na narrativa, esse objeto é também o recipiente simbólico dos “dengos” que atravessam esse cotidiano. Segundo os dicionários, a palavra dengo pode significar “lamentação infantil”, “manha” ou “meiguice”. No entanto, em sua origem banta – mais especificamente da língua quicongo, falada em regiões que hoje correspondem ao Congo, Angola e Moçambique –, o termo carrega um sentido mais profundo e ancestral:

² De acordo com definição da autora: A moringa é uma vasilha de produção artesanal de barro que serve para reservar água, bastante utilizada em territórios quilombolas habitados por afro-brasileiros e indígenas (p.31).



dengo é um pedido de aconchego no outro em meio às durezas da vida. Assim, a moringa torna-se um lugar de acolhimento das emoções, fortalecendo os laços afetivos entre gerações.

A crescente atenção acadêmica à literatura infantil afro-brasileira revela a importância de analisar obras que não apenas ofereçam narrativas envolventes, mas que também contribuam para a construção de identidades positivas e para a valorização da cultura afrodescendente.

Nesse contexto, estudos que enfatizam a necessidade de representações autênticas e plurais da infância negra na literatura, tornam-se fundamentais para a compreensão do papel dessas narrativas na formação de leitores. O presente artigo se insere nessa discussão ao ter como objetivo analisar os principais aspectos da obra *Os dengos na moringa de voinha*, considerando a experiência estética que ela proporciona ao leitor, em consonância com o conceito de experiência proposto por Larrosa (2002), que compreende o atravessamento subjetivo e reflexivo do que nos toca.

A análise abrange a relação entre texto, ilustração e projeto gráfico, a construção narrativa e a potência da obra como instrumento de mediação de leitura e formação leitora, especialmente no que diz respeito à articulação entre memória, afetividade e oralidade no universo da literatura infantil contemporânea.

Para isso, o artigo está dividido em duas partes: a primeira, intitulada *A dimensão sensível da literatura: afetos e estética na narrativa*, discute como a obra mobiliza memórias e vínculos afetivos por meio de uma linguagem sensível, poética e ancestral; e a segunda, *Da página ao olhar: a fusão entre texto, imagem e projeto gráfico na literatura infantil*, analisa a forma como os elementos visuais e gráficos dialogam com o texto, potencializando a experiência leitora e ampliando os sentidos da narrativa.

A dimensão sensível da literatura: afetos e estética na narrativa

La lectura supone siempre ampliación de la experiencia, ya que nos pone en contacto con otras voces que traducen otras experiencias, otras maneras de entender la realidad en la que se incluye la visión de uno mismo. La idea de que la literatura es uno de los instrumentos más potentes para poder “ponerse en el lugar de otro” y adoptar perspectivas y vivencias nuevas [...]” (Colomer, 1999, p. 141).



A leitura literária, conforme destaca Teresa Colomer, amplia nossa experiência de mundo ao nos colocar em contato com múltiplas vozes, perspectivas e afetos. No universo da literatura infantil contemporânea, essa potência formativa manifesta-se com especial intensidade quando texto e imagem se articulam para promover uma vivência estética e emocional que atravessa o leitor. É nesse território da sensibilidade que Os dengos na moringa de voinha se inscreve — ao evocar a ancestralidade afetiva, a tradição oral e as memórias da infância, a obra oferece muito mais do que uma narrativa: oferece um espaço de encontro com o outro e consigo mesmo. Ao acessar universos simbólicos construídos por meio da linguagem e da imagem, o leitor é convidado a se deslocar, a sentir e a refletir.

A narrativa de Ana Fátima se constrói como um percurso pela infância, pela casa da avó, pela presença amorosa da moringa — objeto que atravessa a história como símbolo da permanência dos afetos. Mais do que um utensílio doméstico, a moringa guarda os “dengos”: os gestos de carinho, os consolos, os pequenos rituais de cuidado que marcam a vivência da narradora:

Desde sempre, vi a moringa de Voinha lá. Nunca perguntei quantos anos ela tem e ela nunca pareceu envelhecer, sempre com a mesma cor avermelhada igual a dendê e uma barriga imensa que mais lembra o baobá do quintal. Quando olho para a moringa de voinha, lembro do Cafuné que mainha faz nos meus cabelos crespos com nós que só ela sabe desatar (Fátima e Rodrigues, 2023, p. 8 e 9).

Nesse trecho, observa-se como a autora costura memória, oralidade e afeto em uma linguagem poética que aproxima o leitor da experiência sensível da personagem. A moringa adquire contornos míticos: é comparada ao baobá — árvore sagrada de origem africana, símbolo de resistência e ancestralidade — e ao óleo de dendê, elemento profundamente enraizado na cultura afro-brasileira. Esses elementos reforçam a herança cultural presente na narrativa, ligando o objeto a um passado coletivo que se perpetua no cotidiano da família. O gesto do cafuné, mencionado ao final do excerto, é outro símbolo de cuidado e intimidade, representando uma forma de amor que se expressa pelo toque, pelo tempo dedicado ao outro. Ao associar a imagem da moringa a esse gesto, o texto atribui a ela uma função simbólica de acolhimento emocional e preservação das memórias afetivas da infância.

Essas memórias são retomadas nas páginas que se seguem no livro: “Quando olho para a moringa de Voinha, sinto cheiro do angu temperado por tia. Às vezes, vem a vontade de comer o caruru de Dona Maria, pois, em setembro, o pratinho do santo está sempre ao



lado da moringa" (Fátima e Rodrigues, 2023, p. 10 e 11). O trecho aprofunda ainda mais a relação entre a moringa e o afeto familiar, ligando o objeto não só a um símbolo de resistência cultural, mas também a momentos específicos da infância, ressignificados pelo cheiro e pela lembrança do sabor.

A autora, ao associar a moringa às comidas preparadas por figuras centrais na vida da personagem – como a tia e Dona Maria – evoca um forte sentimento de pertencimento e continuidade da tradição familiar. Além disso, a ligação com a memória alimentar e com os rituais de cuidado e partilha – como o ato de preparar e consumir alimentos em conjunto – destaca a preservação cultural. A moringa, nesse contexto, se torna um elo entre o passado e o presente, sublinhando a importância desses elementos na construção da identidade e no vínculo com a ancestralidade.

O "pratinho do santo", constantemente posicionado ao lado da moringa, constitui um importante marcador simbólico da presença da religiosidade de matriz africana no cotidiano da personagem. Longe de ser um mero objeto ritual, ele materializa práticas de devoção, reverência aos ancestrais e resistência cultural, alicerçadas na tradição afro-brasileira. Sua associação à moringa aprofunda a dimensão simbólica do texto, ao integrar afeto, espiritualidade e memória em uma mesma cena. Nesse sentido, o espaço doméstico é ressignificado como lugar de transmissão de saberes, crenças e afetos, revelando como essas práticas, impregnadas de sentido e pertencimento, são preservadas e ritualizadas entre gerações.

Ao estabelecer esse diálogo com elementos da oralidade e das tradições afro-brasileiras, a obra não apenas evoca uma herança cultural resistente, mas também inscreve a infância negra no centro da narrativa. Trata-se de uma operação estética e política que promove representatividade e visibilidade, ao valorizar experiências historicamente marginalizadas e afirmar a relevância da memória coletiva negra.

Outros elementos são resgatados no corpo da narrativa:

Quando olho para moringa de Voinha, corro para cama em noite de trovoada e me cubro com o lençol de fuxico que ela costurou só para mim. [...] O calor dos botões de fuxico lembra o abraço quentinho de Voinho que, como bom capoeirista, ginga o corpo dele e o meu no ar e, em um segundo, firma meus pés no chão com a rapidez de um relâmpago e a energia do malungo Zumbi. (Fátima e Rodrigues, 2023, p. 16 - 18).

Esses trechos reiteram a tessitura entre memória, afeto e ancestralidade que permeia toda a obra. A referência ao lençol de fuxico confeccionado pela avó não é apenas um dado material ou descritivo, mas um signo carregado de significação afetiva e cultural. O fuxico, técnica tradicional de costura, remete ao fazer manual herdado por gerações de mulheres negras, funcionando como metáfora de cuidado, dedicação e transmissão de saberes. A imagem do abraço quente de Voinho, por sua vez, funde o gesto afetuoso ao vigor corporal da capoeira, arte afro-brasileira marcada pela resistência, liberdade e ancestralidade.

Ao incorporar essas imagens, a narrativa constrói uma estética da sensibilidade que entrelaça corporalidade, memória e cultura em uma perspectiva afrocentrada. A presença de Zumbi como referência simbólica amplia ainda mais essa dimensão, evocando a luta histórica contra a opressão e a valorização de uma identidade negra forte, afetiva e coletiva. Assim, a obra não apenas representa a infância negra, mas a inscreve em um campo de significações onde o afeto e a resistência caminham juntos – compondo, em cada gesto, objeto ou lembrança, uma pedagogia da ancestralidade.

Nessa direção, Lopes (2018) diz que:

A arte, como o jogo, é a ruptura com o habitual, com o conhecido. A percepção estética modifica o observador. O fato de que a arte seja um lugar de experiência significa que as crianças e adultos aprendem algo acerca de si mesmos e do mundo, além de deleitar-se, e que o encontro com a arte provoca resultado emocional, estético, subjetivo e também cognitivo (Lopes, 2018, p. 57).

A citação de Lopes evidencia o papel formativo da arte como uma experiência que transcende o simples entretenimento, instaurando um espaço de transformação subjetiva e de ampliação da percepção do mundo. Ao provocar rupturas com o habitual, a arte convoca o observador – seja criança ou adulto – a um estado de sensibilidade ampliada, em que afeto, pensamento e imaginação se entrelaçam. Essa perspectiva é particularmente relevante quando se trata da literatura voltada à infância, pois reconhece a potência estética e cognitiva dessas obras como dispositivos de formação integral.

No contexto da obra analisada, esse princípio se manifesta na construção simbólica de objetos como a moringa, pratinho do santo, o fuxico da coberta, a capoeira e o samba que o pai toca, que, ao serem inseridos na narrativa com forte carga sensorial e afetiva,



promovem no leitor uma experiência estética profundamente conectada à memória, à ancestralidade e à cultura afro-brasileira. O “dengo” que nomeia o livro e a moringa, conforme resgatado em sua origem na língua quicongo, é um pedido ancestral de aconchego – e é justamente esse acolhimento que a literatura pode oferecer ao leitor: o de encontrar no outro, e em sua história, um espelho para as próprias emoções.

É importante considerar ainda, os aportes de autores que pensam a literatura e a cultura a partir de uma matriz afro-brasileira. Edimilson de Almeida Pereira (2017), ao refletir sobre a poética da memória e da ancestralidade, destaca que a literatura afro-brasileira está profundamente enraizada na oralidade e na corporalidade, elementos que operam como formas de inscrição de uma história coletiva e afetiva que resiste à colonialidade. Conforme o autor, o texto negro não é apenas um texto literário; é um corpo que fala, que dança, que canta e que recorda” (Pereira, 2017). Essa dimensão performática e sensível da linguagem se faz presente em *Os dengos na moringa de voinha*, especialmente na forma como os afetos e os rituais cotidianos são narrados – mais do que apenas descritos – em um tom que evoca o ritmo e a cadência da fala, da lembrança e do canto.

Leda Maria Martins também contribui significativamente para essa discussão ao propor o conceito de “performance do tempo espiralar”, que articula tempo, memória e ancestralidade nas expressões artísticas e culturais negras. Para Martins (2012), a memória não é linear ou apenas referencial, mas se atualiza no presente como ato performático, como repetição ritualística que ressignifica o passado e reinscreve a história nos corpos e nos espaços. Essa ideia se alinha à maneira como a narrativa de Ana Fátima revisita episódios da infância de forma cílica e simbólica, como se cada lembrança evocada pela moringa – o cheiro do angu, o cafuné, o lençol de fuxico – fosse um rito de rememoração que reafirma os vínculos afetivos e ancestrais da personagem com sua família e com sua cultura.

Portanto, o texto literário atua como mediador de saberes e afetos, oferecendo à infância negra não apenas representatividade, mas também a possibilidade de se reconhecer como sujeito pleno de história, cultura e identidade. Assim, o encontro com a literatura assume um caráter formativo, capaz de engendrar significações subjetivas e sociais que se estendem para além da leitura, ao tocar a sensibilidade do leitor, a literatura se torna um caminho para reconhecer e valorizar identidades, histórias e modos de viver que nem sempre ganham espaço.



Da página ao olhar: a fusão entre texto, imagem e projeto gráfico na literatura infantil

Na literatura infantil contemporânea, texto e imagem não funcionam mais como elementos isolados. Pelo contrário, é na relação entre palavra, ilustração e projeto gráfico que se constrói uma experiência estética completa para o leitor, pois

[...] os livros ilustrados são simultaneamente objetos de arte e a principal literatura na infância, oferecendo drama para os leitores, por meio da interação entre as narrativas visuais e verbais [...] é a integração das crianças em uma cultura (Salisbury, 2013, p. 75).

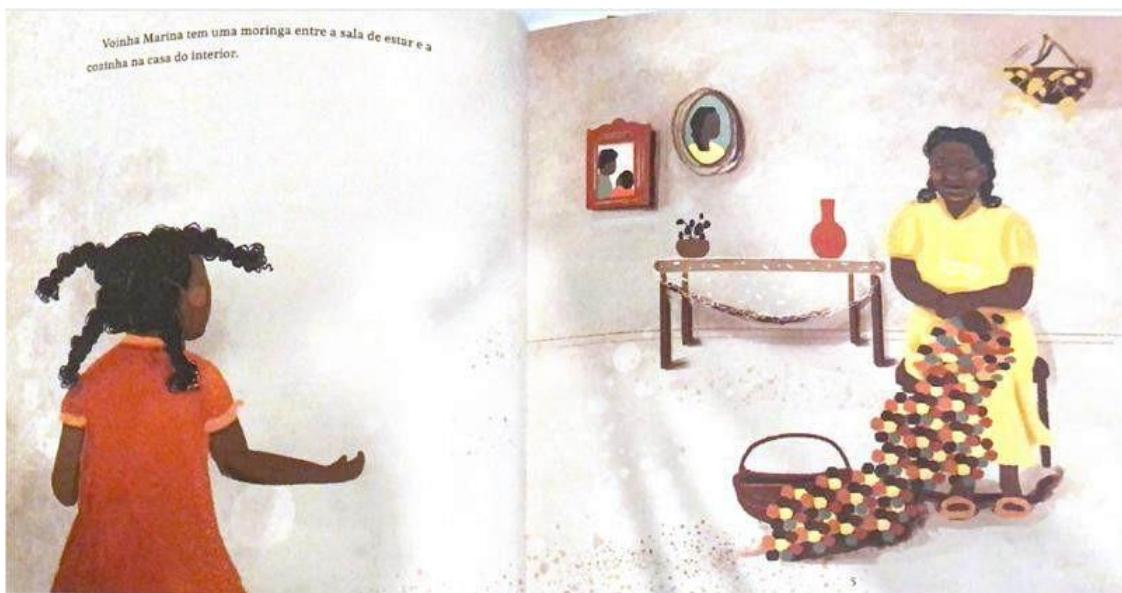
Na perspectiva de Sophie Van der Linden (2011), o livro ilustrado é uma obra em que texto, imagem e projeto gráfico se entrelaçam de forma inseparável, constituindo uma linguagem híbrida. Nessa configuração, o sentido da narrativa emerge da tensão e da colaboração entre os diversos elementos da obra, exigindo do leitor uma atenção não apenas ao que é dito, mas também a como é dito – visual e materialmente. Nesse tipo de narrativa, a leitura se dá também pelo olhar, e o livro deixa de ser apenas um suporte para a história, tornando-se um objeto artístico que comunica por múltiplas linguagens. Essa fusão entre diferentes códigos – verbal, visual e material – amplia as possibilidades de interpretação, sensibilidade e encantamento, especialmente quando dirigida ao público infantil.

Na obra, as ilustrações de Fernanda Rodrigues não apenas acompanham o texto de Ana Fátima, mas dialogam com ele de forma afetiva e simbólica. A paleta de cores quentes, os traços arredondados e a disposição dos elementos na página reforçam o tom acolhedor da narrativa. Além disso, o projeto gráfico – com escolhas que envolvem desde o tipo de fonte até o uso do espaço em branco – contribui para criar pausas, respiros e atmosferas que envolvem o leitor e intensificam a vivência da história.

Em *Os dengos na moringa* de Voinha essa fusão se realiza de maneira sensível e intencional. A chamada tensão da virada da página – elemento fundamental apontado por Van der Linden – é utilizada para criar pausas dramáticas, sugerir passagens de tempo e intensificar a carga emotiva de determinadas cenas. Por exemplo, há momentos em que o texto se encerra em uma página e a imagem que vem a seguir expande ou redimensiona o sentido do que foi lido, convidando o leitor a completar as lacunas e a viver o silêncio narrativo como parte da experiência estética como nas páginas a seguir:

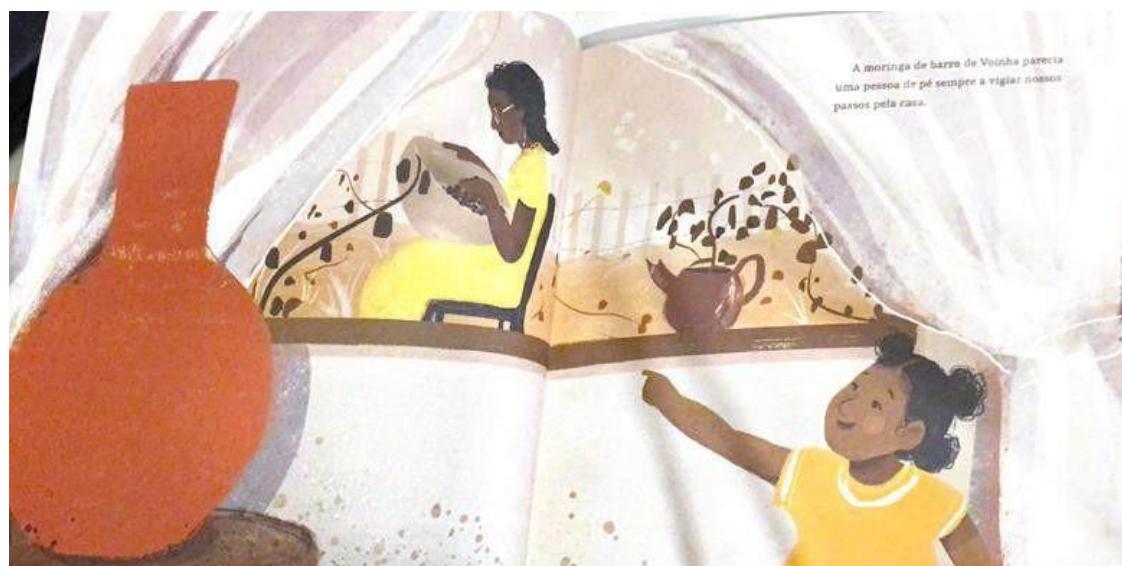


Figura 1



Fonte: Fátima e Rodrigues, 2023, p. 4 e 5.

Figura 2



Fonte: Fátima e Rodrigues, 2023, p. 6 e 7.

Após duas páginas ilustradas, que introduzem o universo sensível da narrativa, torna-se evidente a centralidade da montagem como elemento estruturante do livro ilustrado, nos moldes propostos por Van der Linden (2011). A autora ressalta que a

organização sequencial das páginas duplas se aproxima da linguagem cinematográfica, especialmente no que tange ao encadeamento dos planos e à construção da continuidade narrativa. Tal escolha implica uma vеторização que orienta o percurso do olhar e inscreve o tempo narrativo no espaço do livro: “a expressão do tempo, do movimento, as modalidades da narrativa dependem dessa escolha” (p. 79). Desse modo, o livro ilustrado configura-se como uma obra em que a narrativa visual e textual se entrelaça por meio de uma cuidadosa arquitetura gráfica e narrativa.

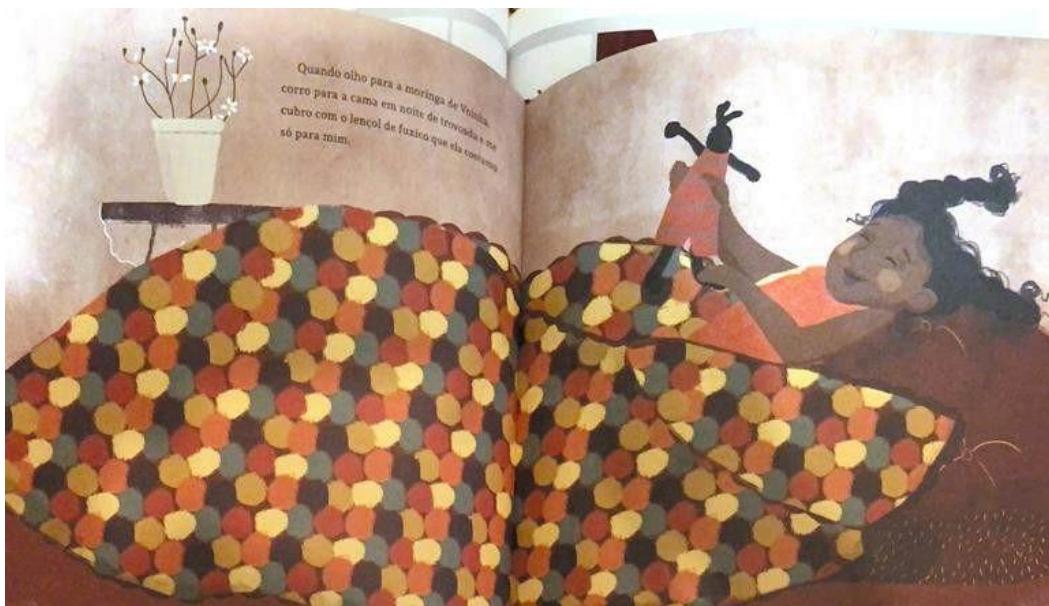
Nesse contexto, as duplas de página que inauguram *Os dengos na moringa de Voinha* desempenham papel fundamental na construção simbólica do objeto moringa e na ambientação da memória afetiva que estrutura a obra. A primeira dupla apresenta a moringa inserida no espaço doméstico da avó, revelando sua presença constante no cotidiano familiar. Na sequência, a segunda dupla amplia visualmente a moringa e estabelece uma relação de proximidade entre o objeto e a protagonista, que passa a ocupar um plano de destaque. A composição ilustra não apenas a materialidade do objeto, mas o vínculo subjetivo e afetivo que a criança estabelece com ele, antecipando seu papel como depositária das lembranças e dos “dengos” familiares.

A sobreposição dos planos – ora centrando a atenção no rosto da protagonista, ora destacando a moringa em primeiro plano – contribui para a construção de uma narrativa visual que orienta a leitura e produz sentido. A escolha de destacar visualmente esses elementos não é apenas estética, mas narrativa: reforça a ideia de que a moringa é, ao mesmo tempo, objeto e metáfora, espaço físico e recipiente simbólico da memória. Essa relação entre texto, imagem e projeto gráfico exemplifica, como aponta Van der Linden (2011), a dimensão polifônica do livro ilustrado, em que diferentes linguagens dialogam na tessitura da narrativa e exigem do leitor uma postura ativa de interpretação e construção de sentido.

A polifonia no livro ilustrado, conforme delineada por Van der Linden (2011), refere-se à coexistência de diversas vozes narrativas que não se subordinam umas às outras, mas se entrelaçam em uma rede de significações. Essa multiplicidade se manifesta não apenas no conteúdo textual, mas na articulação entre texto escrito, imagem, tipografia, diagramação e uso dos espaços em branco, exigindo do leitor uma escuta atenta a essas diferentes camadas de linguagem. Como podemos observar na próxima sequência de duplas.



Figura 3



Fonte: Fátima e Rodrigues, 2023, p. 16 e 17.

Figura 4



Fonte: Fátima e Rodrigues, 2023, p. 18 e 19.

Em *Os dengos na moringa de Voinha*, essa polifonia é particularmente evidente na maneira como a narrativa se desdobra simultaneamente por meio das palavras e das imagens, cada qual conduzindo aspectos distintos da experiência narrativa. Sob esse viés, observa-se que no texto verbal, lírico e sensorial da página 16 o fuxico que transborda ilustrado em duas páginas e é a memória afetiva da avó artesã, é também o mote do texto verbal da página 18 que leva ao avô, conduzindo o leitor por memórias evocadas pela



narradora-protagonista. Esse jogo entre as linguagens é um dos elementos constituintes da polifonia.

A diagramação, por sua vez, também assume papel narrativo. Em diversas passagens, a tipografia flui com liberdade sobre as imagens, ora se agrupando em blocos mais compactos, ora se expandindo em espaços mais arejados, acompanhando a densidade ou leveza da memória narrada. Essa relação entre o lugar do texto na página e o conteúdo simbólico da narrativa contribui para a musicalidade da leitura e cria um ritmo visual que envolve o leitor em múltiplos tempos e sentidos.

Os vazios – tanto os brancos das páginas quanto os silêncios entre uma cena e outra – são também estratégicos na construção da polifonia. Esses intervalos visuais e narrativos funcionam como pausas interpretativas, espaços de respiro e contemplação, que convocam o leitor a atuar como sujeito de sentidos. Nesse ponto, faz-se necessário compreender a polifonia também no sentido proposto por Mikhail Bakhtin (1975) , como a presença de múltiplas vozes no tecido discursivo, que se entrelaçam sem que uma anule a outra, gerando um campo dialógico de significados.

Transposto para o universo do livro ilustrado, esse conceito ganha nova potência, pois a pluralidade de vozes não se dá apenas no nível verbal, mas na articulação entre texto, imagem, projeto gráfico e os próprios vazios narrativos. Há, assim, um convite explícito à coautoria do leitor, que é instado a preencher os silêncios e interstícios com sua leitura subjetiva, afetiva e interpretativa. Trata-se de uma narrativa que aposta na inteligência do leitor e em sua capacidade de construir sentidos plurais, reconhecendo-o como participante ativo do processo de significação. Não se trata, portanto, de um texto unívoco, mas de uma obra que se oferece como experiência estética e cognitiva, convocando o olhar sensível e a inteligência interpretativa do leitor.

Entre os diversos recursos que ampliam a dimensão estética e simbólica do livro ilustrado, o uso intencional de figuras de linguagem ocupa lugar central na construção de sentidos plurais.

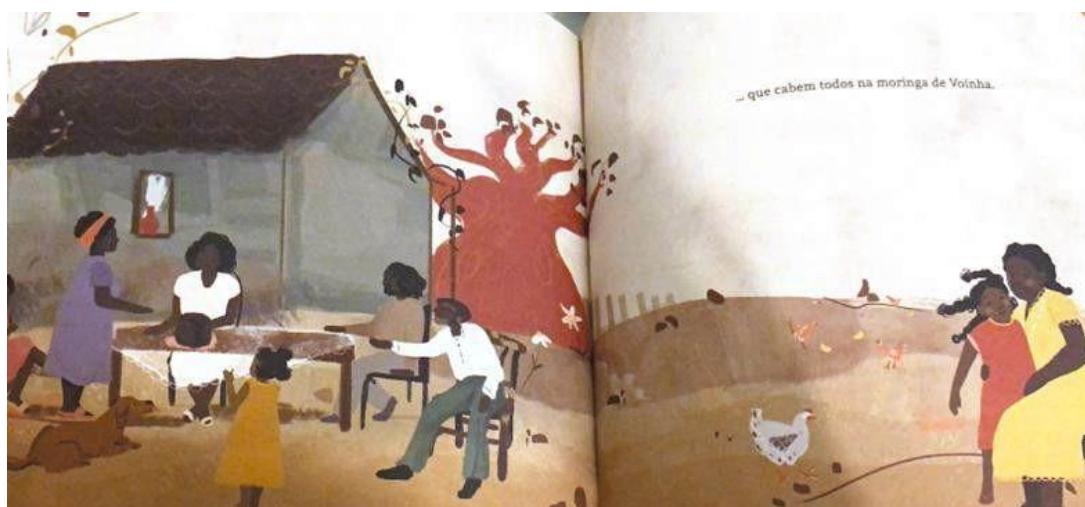


Figura 5



Fonte: Fátima e Rodrigues, 2023, p. 26 e 27.

Figura 6



Fonte: Fátima e Rodrigues, 2023, p. 28 e 29.

Nas duplas de páginas em que se concentram as figuras de linguagem mencionadas, as ilustrações de Fernanda Rodrigues operam em consonância com o texto verbal, ampliando os sentidos e contribuindo para a experiência estética do leitor. Na cena em que a narradora afirma que “Por detrás da cacunda de Voinha se deita a moringa, sempre a mangar dessa minha maneira de receber os dengos da minha família”, observa-se uma disposição espacial que reforça a metáfora visualmente: a avó é representada em primeiro plano, com o corpo curvado, enquanto a moringa repousa logo atrás, em uma posição que evoca acolhimento e cumplicidade. A inclinação da moringa e a sua localização na página sugerem, figurativamente, que ela observa, participa e sorri discretamente – como indicado

pela expressão “mangar” – dos gestos afetivos da família. Trata-se de uma composição que encena, visualmente, a personificação textual e acrescenta uma camada emocional à cena.

Já na dupla das páginas 26 e 27, a afirmação “... que cabem todos na moringa de Voinha” encontra eco visual em uma imagem simbólica que expande o significado do texto. A moringa aparece em destaque, ocupando boa parte da página, e dentro dela – ou em sua superfície – vêm-se elementos que remetem aos membros da família, suas cores, gestos e memórias. A ilustração não recorre ao realismo, mas sim à evocação sensível, traduzindo em imagem a metáfora proposta pelo texto. Como destaca Van der Linden (2011), esse tipo de articulação entre palavra e imagem ativa o leitor como coautor, pois a interpretação exige sua participação sensível e intelectual na construção de sentidos.

Esse recurso estilístico, ao transformar a moringa em personagem sensível e observadora, mobiliza o leitor para além da literalidade e o convoca a elaborar inferências subjetivas sobre os vínculos afetivos da protagonista com sua família. Como destaca Sophie Van der Linden (2011), a literatura infantil contemporânea confia na inteligência do leitor e aposta na sua participação ativa na construção da narrativa – um movimento de coautoria que se dá, também, pela linguagem figurada.

Dessa forma, a obra articula com notável intencionalidade a dimensão verbal, visual e gráfica, evidenciando o potencial expressivo do livro ilustrado como linguagem múltipla e complexa. A escolha e disposição das figuras de linguagem – como a prosopopeia e a metáfora – são amplificadas pelas ilustrações, que não apenas reiteram o sentido do texto, mas o expandem, criando camadas interpretativas.

Considerações Finais

A análise da obra *Os dengos na moringa de voinha*, de Ana Fátima e Fernanda Rodrigues, evidencia o modo como a literatura infantil contemporânea pode atuar como um espaço fecundo de experiência estética, afetiva e formativa. Amparada em uma linguagem poética, em imagens sensíveis e em um projeto gráfico que valoriza a simbologia e a ancestralidade, a narrativa promove um encontro significativo entre texto e leitor, que ultrapassa o plano da fruição para instaurar uma vivência de pertencimento, reconhecimento e reflexão.

A moringa, como elemento central da narrativa, adquire status simbólico ao condensar memórias, afetos e tradições culturais afro-brasileiras. Sua presença constante na



vida da personagem-narradora funciona como ponto de ancoragem para as lembranças da infância, evidenciando a potência dos objetos cotidianos como veículos de transmissão de saberes e afetos entre gerações. Os gestos de cuidado, como o cafuné, a partilha dos alimentos e o acolhimento diante dos medos, desenham uma pedagogia da sensibilidade que se revela tanto nas palavras quanto nas imagens.

A articulação entre texto e ilustração, somada à forte presença da oralidade e das práticas culturais de matriz africana, inscreve a infância negra no centro da narrativa, não como exceção, mas como referência identitária e estética. Nesse sentido, a obra cumpre um papel político e simbólico de afirmação da diversidade cultural brasileira, promovendo o reconhecimento e a valorização de experiências historicamente invisibilizadas.

Ao mobilizar memórias, afetos e ancestralidade com delicadeza e profundidade, Os dengos na moringa de voinha se configura como um potente instrumento de mediação de leitura. Conforme propõe Larrosa (2002), é na experiência que algo verdadeiramente nos acontece — e é exatamente isso que a obra proporciona: um atravessamento sensível que transforma o leitor, ampliando suas possibilidades de sentir, pensar e se conectar com o outro. Por tudo isso, a narrativa de Ana Fátima e Fernanda Rodrigues não apenas emociona, mas educa no mais profundo sentido da palavra: forma, toca e transforma.

Referências

- COLOMER, Teresa. *El libro-álbum: Invención y evolución de un genero para niños*. Parapara Clave, Banco del Libro, Caracas, 1999.
- FÁTIMA, Ana. RODRIGUES, Fernanda. **Os dengos na moringa de Voinha**. São Paulo: Brinque-Book, 2023.
- GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. **Conheça palavras africanas que formam nossa cultura**. Geledés, 18 nov. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conheca-palavras-africanas-que-formam-nossa-cultura/>. Acesso em: 10 maio 2025.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XbJf6RjcrbChwKZVDKPByxj>. LINDEN, Sophie Van Der (2011). Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac & Naify.
- LÓPES, María Emilia (2018). **Um mundo aberto: cultura e infância**. São Paulo, Selo Emília Solisluna.
- MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do rosário do Jatobá**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.
- MEDVEDEV, Iuri Pavlovich; MEDVEDEVA, Daria Aleksandrovna; SHEPHERD, David. A



polifonia do Círculo. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 99-144, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457324397>.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Literatura afro-brasileira: sujeitos, práticas e abordagens.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro Ilustrado Infantil: a arte da narrativa visual.** São Paulo: Rosari, 2013.

